

A vida em meio a restos de comida e cachorros

FRANCISCO STUCKERT

FABÍOLA GÓIS

Se a vida dos catadores do Lixão da Estrutural já era dura, agora, com a chegada das chuvas, ficou pior. A água está estragando as *sedas* (sacos nos quais é recolhido o lixo reciclável), o que faz com que o material caia de preço no mercado. "Antes, as firmas pagavam R\$ 0,20 por cada *seda*, hoje só querem pagar R\$ 0,12", reclama Manoel Simão Viana, 40 anos, que há 14 garante o sustento da família apanhando plásticos, latas, vidros e papel no local.

Esse é apenas um dos problemas enfrentados pelos 530 catadores cadastrados no Lixão.

As condições de trabalho no lugar são precárias. Apesar disso, ninguém reclama do mau-cheiro ou da falta de higiene. Homens e mulheres disputam o espaço com máquinas e cachorros. O risco de doenças é grande, mas os catadores garantem que é raro

um deles ir ao hospital para tratar de problemas na pele ou outras infecções. "Às vezes, um ou outro se corta com lata ou vidro e só", diz Manoel.

Contando-se os catadores e seus dependentes (mulher e filhos), pelo menos três mil

pessoas sobrevivem da venda do lixo. Cada um ganha, em média, R\$ 200 a R\$ 300 por mês. Os mais antigos, como Manoel, lembram dos bons tempos, quando chegavam a reunir até R\$ 500 mensais. "O lixo está vindo muito separado e a gente fica com pouca opção para trabalhar", afirmou.

O "lixo bom", que no jargão dos catadores é aquele que vem direto das casas com restos de comida, papéis e plásticos, está cada vez mais escasso. "A Enterpa — empresa que faz a coleta do lixo — só está trazendo o que não serve mais para reciclar. Antes de vir para cá, os caminhões passam na usina do governo e deixam o material reciclável lá", observa Marcio de Jesus, 21 anos, que começou a trabalhar no local com 11 anos, levando pelo pai.

▶ Apesar das inúmeras dificuldades, catadores não querem sair do local

Hoje não é mais permitida a entrada dos filhos de catadores no local. Eles apenas estudam. Ônibus do GDF os levam até os centros de ensino no Cruzeiro e Guará e os trazem de volta para casa, ao fim das aulas. "Eu gosto de estudar, mas quando perco o ônibus fico em casa com a minha irmã gêmea e meu irmão de oito anos", disse João Paulo Dantas Nunes, seis anos. A mãe trabalha na Frente de

ro e Guará e os trazem de volta para casa, ao fim das aulas. "Eu gosto de estudar, mas quando perco o ônibus fico em casa com a minha irmã gêmea e meu irmão de oito anos", disse João Paulo Dantas Nunes, seis anos. A mãe trabalha na Frente de



Catadores disputam com as máquinas o espaço no lixão. Coleta de plásticos, papel e latas garante sobrevivência de três mil pessoas

Trabalho e o pai é catador de lixo.

Os catadores são organizados. Eles montaram a Associação Viver e estão preparando uma série de reivindicações para encaminhar ao

GDF. "Queremos um galpão para guardar as *sedas*", diz Márcio. Além de melhorar as condições de trabalho, os catadores querem garantir o direito de continuar no local.

Ao falar da intenção do

governo de afastá-los da área, eles se irritam. Nem gostam de tocar no assunto. Prometem apenas que vão resistir. "Quero ver quem vai tirar a gente daqui sem levar para outro lugar ou arrumar

emprego", disse Manoel. Se o governo insistir, avisa o catador, haverá fatalmente confronto. "Não temos outra fonte de renda. Apesar de vivermos do lixo, trabalhamos com dignidade", completou.